

# Sobre Pirro e a seita cética

## LA MOTHE LE VAYER

(Da virtude dos pagãos, II)

Tradução: Plínio Junqueira Smith (Unifesp, CNPq)

E-mail: plinio.smith@pq.cnpq.br

Revisão técnica e introdução: Flavio Fontenelle Loque (UNIFEI)

E-mail: flaviolque@yahoo.com

## Introdução

François de La Mothe Le Vayer é um filósofo seiscentista francês (1588-1672) cujo pensamento foi marcado pelo ceticismo antigo e pelo esforço, supostamente sincero, de conciliá-lo com o cristianismo. Tal é a tônica de muitos de seus escritos, como a seção dedicada a Pirro no *Da Virtude dos Pagãos* (1642).

Esta obra, cujo tema é claramente indicado pelo título, está dividida em duas partes: na primeira, La Mothe Le Vayer reflete sobre a possibilidade de salvação dos pagãos que viveram virtuosamente; na segunda, analisa a vida de algumas figuras destacadas da antiguidade e, quando é o caso, das correntes filosóficas a que deram origem. A essa divisão estrutural correspondem dois conceitos centrais: em primeiro lugar, acerca da possibilidade de salvação dos pagãos virtuosos, o de “fé implícita”; em segundo, o de “circuncisão”, que diz respeito às supressões a que as correntes filosóficas deveriam ser submetidas para se tornarem compatíveis com o cristianismo.

O *Da Virtude dos Pagãos* foi uma das obras mais lidas e discutidas da lavra de La Mothe Le Vayer, o que o levou, numa edição subsequente (1647), a acrescentar à primeira parte notas de rodapé para referenciar suas alusões aos Padres da Igreja e outras autoridades da tradição cristã. Como muitas vezes lhe aconteceu, ele fora acusado de ser complacente

com os filósofos pagãos, complacência que gerou (e ainda gera) suspeitas quanto ao seu “ceticismo cristão”, do qual a seção Sobre Pirro e a seita cética é uma das principais formulações.

### **Tradução<sup>1</sup>**

Se Pirro tivesse sido como muitos o representaram, creio que ninguém teria querido seguir seus pensamentos e seríamos mesmo ridículos de nos ocuparmos em examiná-los. Nada me obriga a fazê-lo, exceto a minha opinião de que talvez aconteça com esse filósofo o que aconteceu com a maioria daqueles de quem já falamos, aos quais mil coisas foram falsamente atribuídas, além das que eles fizeram, como Diógenes, o cínico, de extraordinário e de discordante, explicitamente para levar os outros a uma justa harmonia moral. Bem sei que Antígono Caristo dizia que Pirro não quis desviar-se nem de uma carruagem, nem de um precipício, nem de um cão raivoso e que somente seus amigos o preservavam de todos esses inconvenientes. Mas por que acreditaríamos antes nesse Antígono do que em Enesidemo, que escreveu oito livros sobre a seita dos pirrônicos<sup>2</sup> e que assegura que seu chefe nunca cometeu nenhuma dessas extravagâncias? Elas têm, certamente, tão pouca plausibilidade<sup>3</sup> e é tão difícil imaginar como um número tão grande de filósofos as teria aprovado que eu hesitaria em aceitá-las mesmo quando não fossem contraditas por ninguém e quando o resto da vida de Pirro não os convencesse de sua falsidade. Com efeito, está-se de acordo que ele viveu quase noventa anos e que passou a melhor parte desse tempo em viagens, indo encontrar os magos da Pérsia e se reunindo na Índia com os gimnosofistas. É verossímil que um homem que se precipitava em toda espécie de riscos pudesse chegar a uma idade tão avançada? E que ele pudesse ter amigos suficientes por todas as partes para livrá-lo de tantos perigos que são quase inevitáveis àqueles que percorrem o mundo com a máxima destreza e precaução? De qualquer modo, deve-se considerá-lo como fundador de uma grande associação e, conseqüentemente, era sem dúvi-

da recomendável de muitas maneiras. Mesmo se houvesse somente o que lemos sobre sua vida, a saber, que ele foi instituído como pontífice soberano por seus concidadãos, isso bastaria para mostrar a calúnia de seus inimigos, não sendo plausível dar um cargo tão importante a um homem que estivesse sujeito a caprichos tão grandes. Seus seguidores não foram somente chamados de pirrônicos por causa de seu nome, eles tiveram três ou quatro outros que se relacionam todos, segundo sua etimologia, às dúvidas de que esses filósofos faziam profissão em sua busca contínua da verdade. É por isso que são chamados de eféticos, zetéticos, aporéticos e ainda mais comumente céticos, as quais são apelações sinônimas que lhes foram dadas de maneira quase indiferente, como marca de uma irresolução particular deles.

Ora, embora reconhecessem Pirro como seu mestre<sup>4</sup> com tanta estima que seu costume era de compará-lo ao Sol, todos eles diziam que os maiores homens da Grécia anteriores a ele já tinham lançado as primeiras sementes de sua doutrina da dúvida. Assim, pode-se ver em Diógenes Laércio que eles nomeavam Homero como seu príncipe e citavam não somente Arquíloco, Eurípides, Xenófanes, Empédocles e Demócrito por terem tido o mesmo pensamento, mas eles queriam fazer até os sete sábios da Grécia passar por filósofos céticos, interpretando todas as suas sentenças segundo os princípios do pirronismo. E certamente esses princípios eram muito pouco diferentes daqueles da segunda Academia fundada por Arcesilau. Donde procede a palavra que diz dele em Eusébio<sup>5</sup> esse Numênio, o pitagórico, do qual falamos na seção precedente: *Qui Pyrrhonicus totus erat excepto nomine, idem Academici praeter omen habebat nihil*<sup>6</sup>. Com efeito, embora esse gênero de filosofia renunciasse a todo tipo de axiomas, não pronunciando nada à moda dos dogmáticos, ele tinha, contudo, seus princípios e especialmente este aqui: não se pode formar nenhuma proposição que não tenha uma oposta de probabilidade igual. Não é meu propósito fazer aqui uma descrição exata de toda a filosofia cética. Julgo adequado, no entanto, explicar sumariamente qual era seu fim e de quais meios ela se servia para alcançá-lo, a fim de que, em

seguida, possamos considerar melhor qual uso ela pode ter hoje e o que se deve pensar daqueles que outrora a cultivaram durante o paganismo.

O objetivo ao qual visa o cético e que constitui seu soberano bem é possuir uma condição do espírito isenta de toda agitação por meio da *ataraxía*, que regra as opiniões, e da *metriopátheia*, que modera as paixões, de tal maneira que ele goze de um perfeito repouso, tanto com relação ao entendimento como com relação à vontade. Ora, não há, segundo ele o concebe, senão a *epokhé*, ou suspensão do espírito, que possa colocar o seu num estado tão feliz. E adquire-se essa *epokhé*, da qual se falou tanto, somente por meio de um exame muito cuidadoso e muito exato das aparências do verdadeiro e do falso que se encontram em todas as coisas, tanto sensíveis como inteligíveis, opondo ordinariamente umas às outras de todas as maneiras possíveis (*Sképsis antithetiké phainoménon te kai nouménon*)<sup>7</sup>. Para proceder bem nisso, os céticos inventaram uma tópica particular e se serviram de dez modos com os quais examinam tudo o que lhes é proposto. Favorino tinha-os longamente explicado, expostos em dez livros, segundo diz Aulo Géllio<sup>8</sup>, pois deles só nos resta o título. Diógenes Laércio no-los expõe e até interpreta-os de alguma maneira na vida de Pirro. Mas ele não diz nada de comparável ao que se pode ver em Sexto Empírico, no capítulo XIV de seu primeiro livro das *Hipotiposes pirrônicas*, que é um capítulo verdadeiramente valioso e o mais considerável de toda a sua obra. Não quero falar dos outros cinco modos que Diógenes diz ser de invenção de Agripa e dos quais Sexto trata no capítulo seguinte. Eu somente acrescentarei que se pode reduzi-los a três e que mesmo esses três se referem somente a um único, que é o mais geral de todos, já que ele os compreende em si. É o da relação, o oitavo na ordem dos dez e o modo pelo qual aqueles que pertencem a essa seita mostram que julgamos as coisas somente por comparação, o que eles enunciam nestes termos: *pánta prós ti, omnia sunt ad aliquid*<sup>9</sup>. Também é preciso observar que, além desses meios ou tópicos usados pelos céticos, eles ainda quiseram servir-se de certas maneiras de falar que lhes eram particulares. São aquelas que foram chamadas de as expressões da seita cética,

como: “não sei”, “isso pode ser”, “não o compreendo”, “pode ser assim” e outras semelhantes que são longamente expostas pelo mesmo Sexto<sup>10</sup>. Eis qual era, em linhas gerais, o procedimento dos cétricos para chegar à beatitude que eles se propunham. A fim de dar alguma luz a tudo isso, eu me servirei da opinião que tinha Anaximandro sobre o lugar que a Terra ocupa, que ele acreditava ser o centro do universo, contra o pensamento de alguns pitagóricos. Aristóteles diz<sup>11</sup> que esse filósofo não dava outra razão para a imobilidade da Terra no meio do mundo senão que, estando igualmente distante das extremidades (*Cum aeque se haberet ad extrema*), ela não sabia para que lado inclinar-se e, assim, permanecia firme e parada no seu lugar. Para se fazer compreender melhor, ele usava duas comparações. A primeira é extraída de um fio de cabelo que não poderia ser rompido se fosse igualmente puxado com a mesma força pelas duas extremidades, porque sofreria uma força semelhante em todas as suas partes e, não tendo mais razão para romper-se numa do que na outra, isso não deveria, conseqüentemente, jamais acontecer. Sua segunda comparação é extraída do estado de um homem muito faminto que ele coloca no meio de todo tipo de alimentos e sustenta que esse morreria necessariamente de fome numa tão grande abundância, caso tivesse um desejo igual por cada um desses alimentos, já que essa inclinação igual o obrigaria a permanecer eternamente sem ação e sem movimento, desses não podendo encontrar o princípio. A mesma coisa que Anaximandro pressupunha sobre a imobilidade da Terra e os mesmos exemplos de que ele se servia podem ser relatados para explicar mais facilmente o que dissemos do filósofo cétrico. Seu espírito permanece de tal modo suspenso entre os verossímeis que se encontram por toda parte que, não sabendo qual partido tomar nem para que lado inclinar-se, ele se encontra como que imóvel nessa bela indiferença da *epokhé* na qual está o centro do soberano bem. Com efeito, pode-se considerar toda a filosofia cétrica como um meio entre a dos dogmáticos e a dos acadêmicos, pois, já que o que se chama filosofia é somente uma busca da verdade<sup>12</sup>, não pode haver senão três maneiras de filosofar. Os dogmáticos como Aristóteles, Ze-

não de Cício, Epicuro e os demais, que vimos até aqui, se gabam de ter encontrado a verdade. Carnéades, Clitômaco e o resto daqueles da nova Academia negam que essa verdade seja apreensível. Restam os céticos que ocupam o meio entre esses dois partidos contrários e que, depois de ter examinado as razões de uns e de outros, ainda buscam a verdade, não estando bem certos se ela pode ser encontrada ou não. Pode-se ver, assim, que sua seita não é absolutamente contrária a nenhuma das outras, ainda que aconteça que, por manter-se no meio a que nos referimos, eles recebam ataques de todos os lados, os quais lhes tratam sempre como inimigos, porque eles não se pronunciam a favor de ninguém, *inter alios contententes medii eliduntur*<sup>13</sup>. Tanto há nisso que eles se gabam de ter encontrado, sem nele pensar, o ponto da beatitude, que todos os outros não puderam encontrar em todas as suas pesquisas. É por isso que Sexto pretende<sup>14</sup> que eles tenham sido tão afortunados como o pintor chamado Apelles e que Plínio assegura ter sido Neálcio ou Protógenes<sup>15</sup>. Vendo que não tinha êxito na representação da espuma de um cachorro ou de um cavalo, ele se afligiu com sua obra e jogou com desprezo sobre ela a esponja com a qual enxugava seus pincéis. Foi com um sucesso tão feliz e um acaso tão notável que a fortuna executou o que a arte não pôde fazer, imprimindo sobre o quadro começado uma espuma tão natural que foi admirada por todo mundo. Sexto, resumindo esse conto, diz que aconteceu o mesmo com os céticos. Depois de ter por muito tempo buscado a verdade, acreditando que o soberano bem dependia de saber discernir o verdadeiro do falso, desesperados por não poder jamais chegar a esse conhecimento, eles foram constrangidos a usar a *epokhé* ou suspensão do espírito por não poderem determinar nada de certo. Contudo, quando eles não pensavam em mais nada, eles se encontraram de posse do que haviam tanto buscado, logo se apercebendo que era nessa bela suspensão do espírito que consistia toda a nossa felicidade, porque a feliz tranquilidade que dão a *ataraxía* e a *metriopátheia* não segue menos naturalmente nem menos inseparavelmente a *epokhé* do que a sombra segue o corpo. Isso bastará para fazer compreender o que a filosofia cética propunha

como seu fim. É sempre a parte mais importante de um todo, a primeira em nossa intenção e aquela cujo conhecimento mais serve para tornar o resto compreensível. a, possamos considerar melhor qual uso ela pode ter hoje e o que se deve pensar daqueles que outrora a cultivaram durante o paganismo.

Dentre as muitas objeções que os filósofos das outras famílias faziam aos céticos, cujo resumo pode ser visto na invectiva de Aristócles relatada por Eusébio contra Pirro e seu discípulo Timão de Fliásia<sup>16</sup>, observarei duas principais, que são, a meu ver, as mais ligadas ao assunto que tratamos.

De acordo com a primeira, objetava-se contra eles que uma de suas expressões fundamentais, já que eles não admitiam que se lhes atribuíssem máximas e axiomas, continha em si uma contradição muito vergonhosa, pois, quando dizem que não há nada de certo, sua proposição só pode ser verdadeira se for certa e, nesse caso, ela mostra por si mesma que há alguma coisa de certo; se a mesma proposição é falsa, além de eles não deverem dizer isso, segue-se que aquela que lhe é oposta será verdadeira, a saber, que há alguma coisa de certo. Com esse dilema, os inimigos da seita cética pretendiam torná-la ridícula. Eis o que os seguidores lhes respondiam: primeiramente, que essa expressão ou essa proposição, “nada há de certo”, não é tão absolutamente afirmativa que não contenha em si uma tácita exceção de si mesma. Assim, diz Sexto, no fim de seu sétimo livro *Contra os matemáticos*<sup>17</sup>, quando Homero nomeou Júpiter o pai dos homens e dos deuses, deve-se necessariamente entender isso como excluindo-o, já que o poeta o reconhecia como o primeiro e o maior de todos eles e, de resto, ele não acreditava que Júpiter pudesse ser pai e filho ao mesmo tempo. Em segundo lugar, acrescentam eles, embora essa mesma proposição não constitua uma exceção, pode-se dizer, contudo, que ela está contida e incluída com todas as outras (*heautén synperigráphēi, se ipsam eireum scribit*)<sup>18</sup> que ela condena como incertas, nada pronunciando contra o geral que não tenha também seu efeito particular contra ela mesma. Com efeito, há muitas coisas que agem dessa maneira e que

não afetam as outras sem se afetarem. O fogo que devora tudo se consome a si mesmo com a matéria que lhe dava alimento. Herófilo comparava o heléboro a um bravo capitão que incita os outros a sair para combater indo na frente dos demais; e quase todos os purgativos de que nos servimos contra os humores ruins se esvaziam com estes, a faculdade que eles têm levando-os junto com o que empurram para fora. A luz se ilumina a si mesma e, revelando toda espécie de objetos, se faz também conhecer por seu próprio esplendor. Finalmente, os céticos ainda usaram aqui a comparação daqueles que jogam fora a escada do patamar ao qual subiram e onde desejavam chegar porque não lhes é mais útil, querendo dizer que eles se serviam também de algumas expressões ou de algumas proposições afirmativas para mostrar que não há nada de certo, sem ter a intenção de deixá-las subsistir mais tempo do que lhes é necessário para estabelecer a incerteza por todas as partes, considerando-as depois tão duvidosas como as outras. Se a linguagem ordinária os obrigava às vezes a falar mais dogmaticamente do que teriam desejado, eles sustentavam que não se deveria tomar isso muito rigorosamente, tanto mais que entre eles, quando pronunciam que alguma coisa é ou não é, eles entendem assegurá-la apenas naquele momento e segundo seus termos *katá to nûn phainómenon, secundum id quod tunc apparet*<sup>19</sup>, ela lhes parece como eles a dizem.

A segunda objeção importante que se fez aos céticos tentava torná-los odiosos a todo mundo, pois, porque eles não admitiam nada de certo e faziam profissão de duvidar de todas as coisas, se lhes imputava que arruinavam desse modo toda espécie de governo, o qual não pode subsistir sem a moral, nem esta se não nos pusermos de acordo a respeito do que ela ensina sobre o vício e a virtude. Quem é que vai querer obedecer às leis se ele duvida que sejam justas? E quem terá dificuldade para cometer os piores crimes se ele se lisonjeia nessa opinião de que não há talvez mal em cometê-los? Com efeito, pode-se ver que, tirando a certeza estabelecida entre os homens das coisas honestas e desonestas, lícitas e ilícitas, eles são jogados numa confusão muito maior do que se pode exprimir e

que a vida, presentemente chamada de civil, se tornaria a mais incivil e a menos razoável que se possa imaginar. Além disso, existe uma constituição do espírito miserável como a de um homem que duvida de tudo o que os sentidos ou a razão lhe podem fazer compreender e sequer sabe se ele deve se declarar uma criatura razoável ou se não é um animal tão estranho quanto um tifão<sup>20</sup>, já que se atribuiu essa mesma linguagem a Sócrates? Até os cimerianos, diz Luculo em Cícero, acendiam fogueiras com as quais iluminavam suas trevas. E a Nova Zembla permitiu há pouco aos holandeses suavizarem, com lâmpadas e braseiros ardentes, a longa noite que lá encontraram. Mas a obscuridade que os cétricos querem estabelecer em todas as coisas, por meio de sua incerteza, é tão espessa e tão invencível que ela sufocaria todas as luzes do entendimento e nos tornaria como que cegos de nascença, se os deixarmos fazer isso. A isso eles respondem que se está muito errado em caluniá-los dessa forma, visto que são os homens do mundo que se submetem mais livremente às leis e aos costumes estabelecidos, embora os sigam *adoxástos*, sem opiniaticidade<sup>21</sup>, e sem se afastar da indiferença cétrica. Assim, eles são mais úteis à vida civil à qual jamais causaram perturbações<sup>22</sup> do que os dogmáticos, cujas contestações não se puderam apaziguar até agora. E, com relação à pessoa de cada um deles, não há um que não consinta tanto a suas afecções naturais quanto qualquer outro e que não se conforme aos seus sentidos como o resto dos homens, embora seja sempre com suspensão do espírito e sem confiar demasiado neles, por causa de suas falhas tão ordinárias. Como os cétricos poderiam subsistir e manter seu ser se estivessem numa conformidade tão má com seus sentidos? E não sabem eles que Pirro mesmo pronunciou que era impossível renunciar à humanidade ou, segundo seus próprios termos, despojar o homem inteiramente? Com relação a sua parte superior, eles não pensam também estar em situação de queixa como se quis representá-los, já que, em vez de dar-lhe por objeto o verdadeiro e o certo, que não são da sua alçada, eles os substituem pelo aparente e pelo verossímil, preferindo fazer à moda dos primeiros gregos, que se contentavam em contemplar a Ursa Maior,

em vez que de se extraviar visando diretamente ao pólo como os fenícios em suas navegações espirituais nas quais o verdadeiro e o certo não poderiam servir senão como uma Cinosura<sup>23</sup> enganadora.

Vejamos agora o que podemos pensar, como cristãos, de uma seita da qual muitas pessoas falam com desprezo e muito poucas com conhecimento.

De antemão, considero desesperada a salvação de Pirro e de todos os seus discípulos que tiveram os mesmos pensamentos que ele sobre a divindade. Não é que eles tenham feito profissão de ateísmo como alguns acreditaram. Pode-se ver em Sexto Empírico<sup>24</sup> que eles admitiam a existência dos deuses como os outros filósofos, lhes rendiam o culto ordinário e não negavam sua providência. Mas, além de jamais aceitarem reconhecer uma causa primeira que lhes fizesse desprezar a idolatria de seu tempo, é certo que eles não acreditaram em nada sobre a natureza divina senão com suspensão do espírito, nem nada confessaram sobre todas as coisas que acabamos de falar senão duvidando delas e somente para se acomodarem às leis e costumes de seu século e do país em que viviam. Consequentemente, já que não tiveram a menor luz dessa fé implícita sobre a qual fundamos a esperança da salvação de alguns pagãos que a possuíam conjuntamente com uma graça extraordinária do Céu, não vejo nenhuma plausibilidade em crer que algum cético ou pirrônico desse feitio tenha podido evitar o caminho do inferno.

Isso não quer dizer, no entanto, que eles tivessem todos os defeitos que frequentemente se lhes atribuíram, nem, sobretudo, que estivessem numa profunda e vergonhosa ignorância como muitos imaginaram. Pelo contrário, não houve talvez seita que tenha penetrado mais adiante em todas as ciências do que a cética, como aquela que estava incessantemente em querela com todas as outras, e que teria sido mais ridicularizada por entrar em contestação com elas, tocando a vaidade ou a incerteza das disciplinas, se ela as tivesse ignorado, ou se ela não tivesse sabido até onde se estendia o maior conhecimento dos dogmáticos. E certamente não há ninguém que possa ler esses poucos escritos que nos restam dos

professores da *epokhé* sem conhecer a verdade do que dizemos. Quanto a Pirro, ele não compôs nada, de modo que não se pode julgar sua capacidade pelas obras. Mas, além do que podemos presumir a partir de sua grande reputação, somente o privilégio de imunidade que a cidade de Élis, sua pátria, concedeu em sua consideração a todos os filósofos e a honra que lhe fizeram os atenienses de dar-lhe as cartas de cidadania que concediam a poucas pessoas<sup>25</sup> nos ensinam qual era seu mérito. É, portanto, uma pura injustiça falar dele com tanto desprezo como muitos fizeram e querer tratar todos os céticos como gente que não teria nenhum conhecimento das boas letras. Sua ignorância não era a desses grosseiros ou estúpidos, chamada pelas escolas de crassa ou supina. Ela não era nem uma pura privação, nem má informação. Era uma ignorância razoável e discursiva que se adquire somente por meio da ciência e se pode chamar uma “douta ignorância” tanto quanto aquela sobre a qual o cardeal de Cusa fez três livros e uma apologia. Com efeito, a extrema ciência produz frequentemente o mesmo efeito que a extrema ignorância e nada nos faz confessar tão pacificamente nem tão francamente a frágil capacidade de nosso espírito do que quando nós o elevamos pelo estudo até o mais alto conhecimento de que ele é naturalmente capaz. É nesse momento que, informados por todos os títulos possíveis do pouco que podemos saber de nós mesmos e desenganados das vãs opiniões de aptidão e doutrina, reconhecemos que, em vez de certezas e verdades dogmáticas, devemos nos contentar, falando humanamente, com aparências e a verossimilhança que a seita cética nos propõe.

Mas como não se poderia negar que essa filosofia tinha necessidade de ser purgada como as outras de muitos defeitos, em especial com relação a sua impiedade, que exige uma circuncisão bem rigorosa, penso que se pode dizer também que, feito esse corte, ela é talvez uma das menos contrárias ao cristianismo e aquela que pode receber mais docilmente os mistérios de nossa religião. O que me obriga a falar assim é principalmente a aclamação geral de todos os Padres contra os filósofos dogmáticos, que eles comumente chamaram de patriarcas dos heréticos, como

me lembro de ter já observado nesta obra. Por essa razão, santo Gregório<sup>26</sup>, que se distingue dos outros pelo epíteto de Teólogo, diz que eles foram para a Igreja como as pragas egípcias, que a atingiram de todas as maneiras possíveis. Com efeito, nem os Décios, nem os Julianos, nem seus outros perseguidores famosos jamais a fizeram sofrer tanto pela força aberta como muitos sábios e filósofos renomados por suas disputas sutis e pelo artifício de seus espíritos. Ora, sabe-se que nada os levou tanto a isso como a presunção e a opiniaticidade, das quais a seita cética se declara uma inimiga tão ferrenha, que se pode caracterizá-la, a esse respeito, como uma filosofia favorável à fé, já que ela destrói o que é mais contrário a essa mediadora de nossa salvação. Com efeito, não há nada que são Paulo tenha repetido mais frequentemente em todas as epístolas senão que devemos fugir da vaidade das ciências e dos enganos dos quais se servem os filósofos quando fundam suas opiniões sobre axiomas e elementos do mundo que nada têm de comum com a doutrina de Jesus Cristo. É o que ele recomenda aos romanos, aos hebreus, aos efésios, aos gálatas e, em geral, a todos os que ele honrou com suas cartas. Mas jamais os céticos disseram algo mais insistente contra o orgulho dos dogmáticos do que o que ele escreve aos coríntios<sup>27</sup>, advertindo-os de que é preciso ser louco e ignorante segundo o mundo para ser sábio e douto segundo Deus, diante de quem a maior ciência e a mais fina sabedoria parecem apenas uma pura loucura. Se alguém pensar, acrescenta esse vaso sagrado de eleição, saber verdadeiramente alguma coisa, ele não conhece somente ainda de que maneira é preciso que ele saiba o que deve saber. Para falar disso sadiamente, é bem difícil deferir o quanto se deve aos preceitos apostólicos sem estimar a modesta suspensão do espírito dos céticos e sem odiar a arrogância das outras seitas para sustentar a certeza infalível de suas máximas. Nossa religião é inteiramente fundada na humildade ou nessa abjeção respeitosa do espírito que Deus recompensa com suas graças extraordinárias. E pode-se assegurar que a pobreza de espírito, bem explicada, é uma riqueza cristã, já que o reino dos céus está tão expressamente prometido aos pobres de entendimento. Portanto, não é

sem motivo que cremos que o sistema cético, fundado num reconhecimento ingênuo da ignorância humana, é o menos contrário de todos a nossa crença e o mais adequado para receber as luzes sobrenaturais da fé. Não dizemos nisso senão o que está conforme à melhor teologia, já que a de são Dionísio não ensina nada mais expressamente do que a fragilidade de nosso espírito e sua ignorância sobre todas as coisas divinas<sup>28</sup>. É assim que esse grande doutor explica o que Deus mesmo pronunciou pela boca de seus profetas, que ele estabeleceu sua morada nas trevas (*posuit tenebras latibulum suum*). Com efeito, sendo assim, nós não poderíamos nos aproximar dele sem entrar nessas trevas misteriosas, donde tiramos essa importante lição: que não se pode conhecê-lo senão obscuramente, coberto de enigmas ou de nuvens e, segundo o que diz a Escola, ignorando-o. Mas como aqueles que sempre fizeram profissão de humildade e ignorância acomodam-se bem melhor que os outros a essas trevas espirituais, os dogmáticos, ao contrário, que jamais tiveram medo mais forte do que o de aparentar que ignoram alguma coisa, imediatamente se perdem nelas e sua presunção de ter suficiente luz e entendimento para superar todo tipo de obscuridade faz com que eles se ceguem tanto mais quanto eles acreditam avançar nas trevas, que nossa humanidade não poderia penetrar. Seja como for, acho que a seita cética não é de pouca utilidade para uma alma cristã quando ela lhe faz perder todas essas opiniões magistrais, tão detestadas por são Paulo. Passa-se com nosso espírito um pouco como um campo que precisa ser desmatado e do qual se arrancam as ervas daninhas antes de plantar o grão do qual se espera tirar proveito. A *epokhé* trabalha sobre nós da mesma maneira. Ela tira de nós todas essas vãs imaginações de conhecer com certeza e de saber infalivelmente, como tantas puas e espinhos. E ela nos torna, por essa cultura cuidadosa, como um terreno bem preparado e digno de receber as sementes do céu, quero dizer, suas graças infusas e seus dons sobrenaturais que felizmente não podem, então, deixar de deitar raízes e de produzir nele frutos dignos de uma tão nobre agricultura. Não vemos todos os dias as virtudes cristãs e teológicas reluzirem com muito mais brilho nas almas simples e

ignorantes do que naquelas dos mais sábios em todos os tipos de disciplina? E não sabemos que não há espíritos que recebem os mistérios de nossa religião com tanta resistência como aqueles que pensam saber demonstrativamente as causas e os fins de todas as coisas? Um músico grego cobrava em dobro àqueles de seus alunos que tinham tido, nas mãos de outros, uma má iniciação em sua arte. Os princípios das ciências e os axiomas das disciplinas frequentemente são mais nocivos do que úteis aos catecúmenos. Tudo o que se poderia temer seria que uma filosofia tão acostumada a duvidar de tudo e tão pouco segura como a que tratamos nos desse maus hábitos, nos fizesse ter irresoluções a respeito das coisas mesmas sobre as quais não é permitido hesitar sequer um pouco, e nos fizesse ter a menor dúvida em tudo o que diz respeito à fé e aos bons costumes. Mas não se deve temer nada disso de uma seita cética que se tornou cristã por meio da circuncisão de santo Gregório. A filosofia, falando genericamente, foi chamada outrora por santo Cirilo um catecismo para a fé<sup>29</sup>. Pode-se dizer isso de maneira bem mais adequada dessa seita cética em particular, que se torna uma excelente introdução ao cristianismo e pode ocupar o lugar de preparação evangélica. Ela não tem mais dúvidas quando se trata de religião. Todas as suas desconfiças morrem ao pé dos altares. E os dons que ela recebe do céu para um fim sobrenatural são tão eficazes que sua fé, sua esperança e sua caridade regram todos os seus conhecimentos e dão lei a todos os seus raciocínios. A meu ver, a opinião de santo Agostinho<sup>30</sup> é muito considerável no que diz respeito à moral em geral. Ele mostra, no décimo oitavo livro de sua *Cidade de Deus*, que devemos reter os preceitos que determinam o que é vício ou virtude antes da autoridade divina do que da razão humana, que não é bastante potente, nem bastante uniforme para se fazer obedecer universalmente. Não há nenhuma ação tão viciosa, como ele observa muito bem, que não tenha sido aprovada por algum filósofo, nem tão virtuosa que alguns dessa profissão não a tenham condenado. Os povos mesmos e nações inteiras tiveram pensamentos inteiramente contrários sobre esse assunto. Estaríamos, portanto, numa incerteza perpétua das

coisas que dizem respeito à ética se não tivéssemos recurso à lei divina que se faz ouvir por todo mundo e que não é contradita por ninguém. E já que a seita cética cristã não lhe é menos submissa que todas as outras seitas que já catequizamos, suas dúvidas serão tanto menos temerosas quanto, sendo ainda pagãs, ela não deixa de deferir às constituições e aos costumes de seu século. Eis o que me deu pensamentos tão favoráveis para uma filosofia que não creio mais criminosa do que as outras, desde que se lhe obrigue a respeitar nossa santa teologia, coisa que todas elas devem fazer, e desde que, como somente uma serva (*Vocavit ancillas ad arcem*), ela seja chamada com as outras para o serviço dessa ama divina. Se me enganei no julgamento que acabei de fazer, estou disposto a mudar de ponto de vista. A incerteza cética me desculpará se não disse nada de certo sobre esse assunto. E, em todo caso, meu erro não aumentará o número das heresias, já que ele jamais será culpado de opiniaticidade. Mas eu gostaria que os maiores inimigos da epokhé considerassem, antes de me condenar, que a desconfiança e a suspensão foram chamadas pelos próprios dogmáticos o nervo e o membro principal da prudência, que eles buscaram a verdade no lugar mais profundo de um poço, que Salomão reconhecia a sabedoria como a mais mutável e inconstante de todas as coisas móveis<sup>31</sup> e que são Paulo confessou aos coríntios<sup>32</sup> que ele não sabia nada exceto Jesus Cristo crucificado. Confesso que essas sentenças tão belas me fizeram afeiçoar-me às dúvidas, à incerteza e à ignorância dos cétricos.

## Notas

1 Esta tradução baseou-se na edição de Dresde (Oeuvres de François de La Mothe Le Vayer, Nouvelle Edition Revue et Augmentée avec un Abrégé de la vie de Monsieur de La Mothe Le Vayer par M. le Ch... C .... D. M... Dresde: Michel Groell, 1756-1759) e, com relação às referências e citações marginais, adotou o seguinte: as citações em latim e grego foram incorporadas ao texto e as referências lançadas em notas de rodapé; procurou-se, em alguns casos, tornar as referências mais exatas.

2 Diógenes Laércio, Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres, IX, “Pirro”, 61-71; Fócio, in

Biblioteca, III, 212, “Enesidemo”.

3 O termo original é *apparence*, para o qual, por ser um termo técnico do pirronismo, seria desejável achar um termo correspondente em português. No entanto, não tem sentido em português usar “aparência” no sentido de aceitabilidade ou razoabilidade. É possível traduzi-lo por “verossimilhança” ou “probabilidade”, mas estes são termos associados ao ceticismo acadêmico. Na sequência, *apparence* será traduzido de maneira uniforme por “plausibilidade” ou “plausível”, sempre com o sentido de aceitável ou razoável. (N. do T.)

4 Sexto Empírico, AM I.

5 Eusébio de Cesareia, Preparação evangélica, XIV, vi. Sexto Empírico HP I, capítulo 6.

6 Tradução: “Que era totalmente pirrônico exceto por nome e que não tinha de acadêmico exceto o nome”. (N. do T.)

7 Sexto Empírico, HP I, capítulos 4 e 13.

8 Aulo Géllo, Noites áticas, livro II, capítulo 5.

9 Tradução: “Todas as coisas são relativas”. (N. do T.)

10 Sexto Empírico, HP I, capítulos 18 e seguinte.

11 Aristóteles, De caelo, livro II, capítulo 13, 295b.

12 Sexto Empírico, HP I, capítulo 1; e Aulo Géllo, Noites áticas, livro XI, capítulo 5.

13 Tradução: “encurralados no meio da disputa dos outros, eles são maltratados”. (N. do T.)

14 Sexto Empírico, HP I, capítulo 12.

15 Plínio, História natural, livro XXXV, xxxvi, 79 e s.

16 Eusébio de Cesareia, Preparação evangélica, livro XIV, capítulo 18.

17 Sexto Empírico, AM VIII, 479-481 (N. do T.).

18 Sexto Empírico, HP I, capítulo 7; Plínio, História natural, livro XXV, xxiii, 58.

19 Tradução: “De acordo com o que aparece agora”. (N. do T.)

20 Platão, Fedro, livro 4 Acad. qu.

21 O termo em francês é *opiniâtrêté* e sua tradução mais comum é “obstinação”. A ideia é a de ater-se teimosamente a uma opinião, de aferrar-se a ela. Embora pouco usuais, as palavras “opiniático” e “opiniaticidade” têm exatamente o mesmo sentido que seus correspondentes em francês. (N. do T.)

22 Sexto Empírico, HP I, capítulo 33 e *passim*.

23 Nome dado pelos gregos à Ursa Menor, que significa “rabo de cachorro”. (N. do T.)

24 Sexto Empírico, HP III, capítulo 1.

25 Esse trecho (“e a honra que lhe fizeram os atenienses de dar-lhe as cartas de cidadania que concediam a poucas pessoas”) não se encontra na edição de Dresde, mas encontra-se na edição da Gallimard: *Libertins du XVIIe siècle*, texto estabelecido, apresentado e anotado por Jacques Prévot, Paris, 2004. (N. do T.)

26 Gregório de Nazário, Sermo de moderandis disputationibus, 16.

- 27 São Paulo, Primeira epístola aos Coríntios, III, 19, e VIII, 2.
- 28 Pseudo-Dionísio, A teologia mística, livro I, capítulos 1 e 2.
- 29 Cirilo, Contra Juliano, livro I, capítulo 40 e s.
- 30 Agostinho, Cidade de Deus, livro XVIII, capítulo 41.
- 31 Livro da sabedoria, capítulo 7, 22-24.
- 32 São Paulo, Primeira epístola aos Coríntios, II, capítulo 2.